

## APRESENTAÇÃO DOSSIÊ TEMÁTICO

### *Educação Matemática: Tendências Contemporâneas*

#### **Por um deserto no pensamento: a modo de apresentação**

Claudia Glavam Duarte  
Josaine de Moura Pinheiro  
Suelen Assunção Santos

#### **De Claudia**

Oi, Suelen e Josaine!

Bom dia!!! Meninas, o editor da Revista de Educação, Ciência e Cultura (RECC) está cobrando nossa apresentação do dossiê. Como somos organizadoras resta a nós o fazermos. No entanto, fiquei pensando: o que seria a apresentação? Seria mostrar, dar vista reescrevendo o que foi escrito pelos autores? Logo me remeti à uma leitura que fiz, tempos atrás, de um texto de Jorge Larrosa que se intitula: Dar a Ler...talvez. Em uma passagem diz o seguinte: “dar a ler, então, é dar as palavras sem dar ao mesmo tempo o que dizem as palavras. Ou, melhor, interrompendo todas as convenções que nos fazem dar a ler o que já temos como próprio, o que já sabemos ler [...] por isso há que se dar as palavras retirando ou interrompendo ao mesmo tempo o que dizem as palavras para dar assim o infinito durar de palavras, sua possibilidade de dizer sempre de novo mais além do que já dizem” (LARROSA, 2002a, p.20). Depois dessa provocação feita ao meu pensamento, pergunto se “reescrever” cada texto do dossiê imprimindo nossas interpretações “do que dizem as palavras” não estaríamos perdendo a oportunidade de dizerem “mais além do que já dizem”. Quem sabe damos as palavras sem dar o que dizem? Provocação feita! Sigamos na conversa. Beijos em cada uma. Claudia.

#### **De Josaine**

Oi, Claudia e Suelen!

Essa provocação desacomodou mais uma das poucas certezas que tenho; dito de outra maneira, vou pensar sobre a apresentação do dossiê a la Deleuze, permitindo uma violência que se exerce sobre mim mesma (DELEUZE, 2008). Para mim, até antes desse teu e-mail era muito claro o que íamos fazer, pois como já lemos todos os capítulos do dossiê, e não dando um spoiler, mas ao meu ver, estão uma preciosidade, mérito dos escritos que compõem essa edição, íamos descrever algumas das potências que encontramos para dar visibilidade a cada estudo. “Depois

de ter estabelecido estas coisas, eu pensava entrar no porto, mas [...] fui como que lançado ao alto mar” (LEIBNIZ apud DELEUZE, 2008, p. 130) com tua provocação. Agora sei que nada sei (já escutei inúmeras vezes essa frase, kkkk), mas é a sensação que me acometeu. Penso que tua ideia é muito interessante, apenas tenho que pensar como colocá-la em movimento.

Vocês duas podem me dar algumas sugestões de por onde ir?

### **De Suelen**

Boa tarde, Colegas!

Considero uma provocação pertinente essa a que vocês estão se propondo a pensar: o que é uma apresentação e como fazê-la. O estilo das apresentações de livros e dossiês já está dado – cunhando Corazza (2012) quando menciona que o quadro está cheio mesmo antes de a aula começar – a aula está dada!!! A apresentação, do modo como a conhecemos, também já está dada, cheia de dados clichês, mesmo antes de começar. Há um manual que diz como deve ser uma apresentação, porém me coloco, juntamente com vocês, como “Insatisfeitos com o já-dito, o já-sentido, o já-pensado, o já-praticado” (CORAZZA, 2012, p. 96) da estilística das apresentações. Se não iniciarmos como costumeiramente se faz uma apresentação, teríamos que reinventar a função da apresentação, para além da pretensão de dar o sentido dos artigos que compõe este dossiê. Para tanto, teríamos que nos colocar como faxineiras que escova e raspa o senso comum, os clichês e as formas legitimadas desse estilo de texto (CORAZZA, 2013).

Sugestões e caminhos? Ainda não os tenho, mas me proponho a pensar (e se padece, quando se pensa).

Abraço

### **De Claudia**

Oi, Josaine e Suelen.

Que bom saber que a ideia já nos desacomodou, chegou a puxar o Larrosa, o Deleuze e a Corazza para nossa conversa. Também concordo com a Josaine. Os textos estão muito bons. Acredito que nossa intenção seria a de não deixar rastros dos textos, não propor chaves de leitura, pontos de apoio (se é que uma apresentação dá conta disso kkkk) para que o devir da leitura seja mais potente. Como diria uma dupla de nossos interlocutores, deixar a potência do deserto (DELEUZE; GUATTARI, 1995) em nosso pensamento criar novos agenciamentos. Puxando a Corazza e seus companheiros estaríamos, de alguma forma, minimizando o “processo de anulação dos referentes, dos doadores de sentido anteriores” (SILVA; CORRAZZA; ZORDAN, 2004, p. 9). No entanto, o que diremos ao editor chefe da Revista? Como sabemos, há de se ter uma tal apresentação. Olhem só o que pensei – que tal algo do tipo:

Colocamos um título sugestivo (que dê conta dessa ideia que estamos propondo).

Exemplos:

Por um deserto no pensamento: a modo de apresentação ou

## Por um deserto no pensamento: a modo de apresentação

Dar as palavras ...: a modo de apresentação ou xxx

(Estou com as ideias frouxas hojeeeeeee, me falta inspiração! Suelen tá certa! Tô padecendo kkk)

E depois colocamos um parágrafo sobre nossa intenção e somente os títulos dos artigos e seus referidos autores para que os leitores percebam a diversidade de trabalhos (ai! Fiquei na dúvida se não seria uma cópia do sumário).

SALAS DE AULA COMO ESPAÇOS DE COM-POSIÇÕES DA DIFERENÇA NA FORMAÇÃO DOCENTE de Alexandrina Monteiro e Jackeline Rodrigues Mendes.

MODELAGEM MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: UMA ENGRENAGEM DA MAQUINARIA CURRICULAR de Maria Carolina Machado Magnus, Ademir Donizeti Caldeira e Betina Cambi.

A PRAGMÁTICA FILOSÓFICA DE WITTGENSTEIN E A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA de Thiago Pedro Pinto.

O GEEMCO EM SUA PRIMEIRA FASE: WITTGENSTEIN E FOUCAULT MOBILIZADOS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA de Juliano Espezim Soares Faria e Alice Stephanie Tapia Sartori.

ALETURGIAS: RITUAIS DE VERDADE QUE SE MOVIMENTAM NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE (CMPA) E NA OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS (OBMEP) de Josaine de Moura Pinheiro.

QUANDO O INSTANTE É PARA SEMPRE (OU: A EXPERIÊNCIA COMO OPORTUNIDADE DE FORMAÇÕES MATEMÁTICAS DE DIFERENTES PROFESSORES) de João Ricardo Viola dos Santos.

FORMARSE EN LA CRÍTICA PARA EDUCAR. ANÁLISIS DEL DISCURSO SOBRE LA REGLAMENTACIÓN DE LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE MATEMÁTICAS de José Torres Duarte e Andrea Ochoa Valencia,

A ATIVIDADE MATEMÁTICA ESCOLAR COMO INTRODUÇÃO DE PARADIGMAS NA LINGUAGEM de Cristiane Maria Cornelia Gottschalk.

IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NA DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA de Suelen Assunção Santos.

PENSAMENTO E VERDADE NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: CONVERSÇÕES COM FOUCAULT E DELEUZE de Samuel Edmundo Lopez Bello e Virgínia Crivellaro Sanchotene.

POR UMA POLÍTICA DO ÍNFIMO: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SUAS INTERFACES COM A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA de Claudia Glavam Duarte, Ana Quele Gomes Almeida e Carlos Eduardo Ferreira Monteiro.

A TERAPIA FILOSÓFICA WITTGENSTEINIANA: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA de Marisa Abreu da Silveira, Paulo Vilhena da Silva, Valdomiro Pinheiro Teixeira Júnior

AS MOBILIZAÇÕES DOS USOS DOS NÚMEROS E DOS SEUS REGISTROS NA PRODUÇÃO E NO GOVERNO DAS CONDUTAS EM PRÁTICAS ESCOLARES de Patrícia dos Santos Moura

OS RITUAIS DA MATEMÁTICA ESCOLAR NAS ESCOLAS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ de Débora de Lima Velho Junges

Outra ideia, mais maluca, confesso!!! Colocar o título da “Apresentação” seguida de duas páginas em branco (kkkk)

Beijos, meninas! Vamos conversando, mas teremos que decidir.

## **De Suelen**

Bem, gurias!

Se a “apresentação” tem seus deveres, então prefiro seus devires. E se for para deixarmos páginas em branco, para desertificar e potencializar o pensamento, para não criar um plano de referência que interdite outramentos do pensamento, então prefiro deixá-las em cinza: nem preto... nem branco... mas a imagem do que extrapola os dualismos que esqueletizam nossos modos de pensar e que provoca o caos. Como já sabemos, junto a perspectiva pós-estruturalista ou das filosofias da diferença na qual o dossiê está amparado, o caos é produtivo.

Gostei muito dos sugestivos títulos que destes, Claudia, principalmente esse: “Por um deserto no pensamento: a modo de apresentação”. Creio que mostra como estamos entendendo nossa “apresentação”, e que nossa intenção é dar a pensar de modo desterritorializado.

Pro nosso querido editor chefe, será que poderíamos propor essa nossa conversa, no formato como está, como a própria “apresentação”???

Esse formato desacademizado foge da forma universalizada da “apresentação”, a faz diferir-se de si mesma criando singularidades. Conforme Deleuze, “Toda criação é singular. [...] O primeiro princípio da filosofia é que os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados” (DELEUZE, 1992, p. 13)

O que vocês acham????

Abração

## **De Josaine**

Deixa ver se entendi. Estás propondo colocar essa nossa conversa, trocada por e-mail, nesse formato de e-mail, como “Apresentação”?

Gurias, vocês adoram me deixar sem chão, mas tenho que confessar que sou fascinada por ideias que desacomodam e tentam tensionar o que já está naturalizado, dado e esperado.

Tensionar a “verdade” de uma apresentação (prescritiva, determinística, categorizante, enclausurante, e todas as antes possíveis e imagináveis) é mais um exercício que o pensamento pós-estruturalista nos impulsiona a realizar.

Desse mosaico de ideias que vocês estão colocando na mesa, presentes nos e-mails que estamos trocando, emergiram peças que me ajudam a pensar em uma apresentação que busca olhar para além das evidências e trazer para o campo da visibilidade.

As e-vidências são o que todo mundo vê, o que é indubitável para o olhar, o que tem que se aceitar apenas pela autoridade de seu próprio aparecer. Uma coisa é evidente quando im-põe sua presença ao olhar com tal clareza que toda dúvida é impossível. É o que não vê?! Sim, aí está, olha, é assim, aí o tens... é evidente! Só um louco ou um cego não o veria! Grande, é sem dúvida, o poder das evidências. Mas Foucault empenhou-se em mostrar a contingência das evidências e a complexidade das operações de sua fabricação. O que todo mundo vê nem sempre se viu assim. O que é evidente, além disso, não

## **Por um deserto no pensamento: a modo de apresentação**

é senão o resultado de uma certa dis-posição do espaço, de uma particular ex-posição das coisas e de uma determinada constituição do lugar do olhar. [...] E isso porque não vemos tudo [...]. Talvez o poder das evidências não seja tão absoluto, talvez seja possível ver de outro modo. (LARROSA, 2002b, p. 83).

Como destaca Larrosa (2002b), é possível “ver de outro modo”, e assim quebrar o que se espera de uma apresentação e digo um sonoro SIMMMMM, para essa tua sugestão Suelen.

### **De Claudia**

Boa ideia! Penso que o texto, que pensávamos ainda por fazer para a apresentação foi se construindo nesse diálogo. Nos resta saber se o editor chefe da Revista aceitaria tal formato. Vou recuperar nossos e-mails e coloca-los na ordem de nossa conversa e enviarei a proposta a ele. Assim que ele der a resposta aviso vocês. Um grande beijo e adorei a parceria.

### **De Claudia, Josaine e Suelen**

Prezado editor-chefe da Revista Educação, Ciência e Cultura, estamos enviando, em anexo, nossa proposta de apresentação para o dossiê temático de Educação Matemática: pesquisas e tendências contemporâneas. O formato enviado difere da forma mais tradicional de apresentação, mas, se acompanhares o diálogo verás que não se trata de um recurso estilístico e sim, de uma perspectiva teórica. Aguardamos sua decisão sobre tal formato e colocamos à disposição para qualquer alteração que se fizer necessária. Um forte abraço,

Claudia Glavam Duarte

Josaine de Moura Pinheiro

Suelen Assunção Santos

### **De Leonidas Roberto Taschetto**

Queridas Claudia, Josaine e Suelen, impossível não se sentir atraído por esse desafio lançado por vocês! Encharcado que estou do pensamento de Deleuze/Guattari/Foucault/Blanchot/Bergson, essa aventura me ejetou direto de minha posição estratificada de editor-chefe a uma terra desconhecida, não propriamente alienígena (kkk), mas com certeza movediça, povoada de surpresas como em Alice no País das Maravilhas. Diversão pura, fantasia séria, brincadeira concentrada, jogo sem competição. Vamos lá! Desafio lançado, desafio aceito! Parceiro que sou da Claudia na produção de textos pouco afeitos ao rigor acadêmico, à sua “estética”, a rugosidade das palavras produz uma sonoridade mais potente.

### **Referências**

CORAZZA, Sandra Mara; SILVA, Tomaz Tadeu da; ZORDAN, Paola. Linhas de escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

CORAZZA, Sandra Mara. Caderno de notas 3: Didaticário de criação: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. O que se transcria em educação? Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2002a.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. O sujeito da educação: estudos foucaultianos. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b.